

METALINGUAGEM NATURAL E TEORIA DA LINGUAGEM

Edna Maria F. S. NASCIMENTO*

RESUMO: A metalinguagem natural é propriedade sui generis de qualquer língua e, tanto quanto a língua-objeto, é responsável por todo ato de linguagem. Partindo desse pressuposto, procuramos fundamentar a importância de sua descrição para a teoria da linguagem.

UNITERMOS: Teoria da linguagem; língua-objeto; metalinguagem; metalinguagem natural.

A metalinguagem, característica fundamental de qualquer sistema de significação, como já foi bastante propalado, é responsável por duas propriedades essenciais que distinguem as línguas naturais dos demais sistemas sígnicos: 1) onipotência – toda língua natural é metalinguagem universal, é com ela que o homem traduz com mais eficiência os outros sistemas semióticos que o cercam no seu cotidiano; 2) reflexibilidade – toda língua natural constitui-se em sua própria metalinguagem. Essa autonomia da língua natural frente aos demais sistemas de signos é um dos pontos em que se apóia Roland Barthes para reinterpretar a visão de Saussure em relação à Semiologia e à Lingüística. Lembrando-nos de que todos sistemas de signos “passam pela mediação da língua”, Barthes admite a possibilidade de inverter a proposição do mestre genebrino e afirma que a Semiologia deve ser englobada pela Lingüística:

“(...) Saussure postulava a existência de uma ciência geral dos signos, ou Semiologia, da qual a Lingüística não seria senão uma parte.

“(...) É preciso, em suma, admitir desde agora a possibilidade de revirar um dia a proposição de Saussure: a Lingüística não é uma parte, mesmo privilegiada, da ciência geral dos signos: a Semiologia é que é uma parte da Lingüística (...)” (1, p.11 e 13)

Reconhecer a metalinguagem natural como uma propriedade diferenciadora das línguas naturais e não como uma função a mais ao lado de outras funções, como faz

* Departamento de Lingüística – FCL – UNESP – 14800 – Araraquara – SP.

Jakobson (7, p.118-162), amplia o campo da Lingüística, restrito por muitos a estudos fonológicos e morfossintáticos. Se toda língua natural se deixa traduzir no interior da própria língua, o sentido pode ser apreendido nos domínios da própria língua natural, não fugindo do campo da Lingüística e da Teoria da Linguagem.

A noção de metalinguagem elimina a necessidade de se estabelecer um vínculo entre língua/mundo. Para o estudioso de língua, essa relação falaciosa deixa de ser pertinente e é substituída pela relação língua-objeto/metalinguagem. O que se impõe no estudo do sentido é a própria linguagem, não o “objeto”, a “realidade do mundo” – fatores extralingüísticos –, mas fatos lingüísticos, linguagens. Lógicos, principalmente Alfred Tarski (10, p.13), não têm deixado de ressaltar que as “significações lingüísticas”, constituídas pelo sistema das relações analíticas de uma expressão com outras expressões, não pressupõem a presença das coisas. Uma das grandes contribuições de Tarski para a ciência da linguagem foi a ênfase dada, nos seus estudos de semântica, a uma linguagem artificial secundária denominada por ele metalinguagem.

O sentido, considerado sob esse aspecto, decorre da propriedade reflexiva das línguas naturais. Para o lingüista como para o usuário comum da língua, o sentido não é mais do que sua tradução por um outro signo “no qual está desenvolvido de modo mais completo” (9, p.46). É com esse conceito de interpretante que Peirce estabelece o caráter lingüístico da Semântica. O signo – em particular o signo lingüístico, como dizia ele –, para ser compreendido, exige não só que dois protagonistas participem do ato de fala, mas, além disso, exige um “interpretante”. Ao nos depararmos com o enunciado “UNESP inicia vestibular”, por exemplo, podemos indagar como pode ser definida do ponto de vista lingüístico a palavra *vestibular*. Numa definição discursiva, isto é, contextual, *vestibular* significa “exame para entrar num curso superior”. Estabelecemos, nesse contexto, a equação $X = Y$, que é aceitável para a comunidade lingüística de língua portuguesa, da mesma forma que o enunciado inverso $Y = X$, “exame para entrar num curso superior” chama-se *vestibular*. Há diferentes maneiras de interpretarmos a palavra, *vestibular*, por meio de outros signos, no mesmo contexto ou em outros contextos. O verbete do *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda, assim a interpreta: “1) Adj. Relativo ao vestibulo. 2) Diz-se do concurso de admissão ao primeiro ciclo de graduação de um curso superior, aberto aos candidatos que houverem concluído o curso de segundo grau, e destinado a avaliar o preparo de tais candidatos e sua aptidão intelectual. 3) S.m. Concurso Vestibular”.

A denominação *vestibular* é a lexematização do conteúdo “vestibular”, da semantização expressa por uma definição. A condensação discursiva em lexemas só é possível porque a ela subjaz a possibilidade de sua expansão em uma semantização definicional. Empregamos freqüentemente circunlocuções e podemos sempre fazê-lo – a semiose é ilimitada – por causa desse funcionamento metalingüístico próprio das línguas naturais.

Peirce com o conceito de interpretante formula um dos principais mecanismos, senão o principal mecanismo estrutural da linguagem. É o conceito de interpretante, in-

sistentemente afirmado por ele, que nos leva a pensar a partir de Josette Rey-Debove (10, p.21) que o falante desenvolve, concomitantemente à sua competência lingüística, uma competência metalingüística:

“On parlera de compétence métalinguistique pour signifier ‘compétence pour le métalangage’. La compétence linguistique permet de produire des phrases accetables sur le monde, la compétence métalinguistique, de produire des phrases accetables sur la langue, notamment celles qui affirment que les phrases sur le monde sont ou non accetables”.

Postular uma competência metalingüística significa retomar e ter como ponto de partida as três semióticas, características de qualquer sistema de significação, formuladas por Hjelmslev no seu *Prolegômenos a uma teoria da linguagem* (p. 121): *semiótica denotativa* – em que nenhum dos planos (expressão e conteúdo) é uma semiótica; *semiótica conotativa* – cujo plano da expressão é uma semiótica; *semiótica metalingüística ou metasemiótica* – cujo plano do conteúdo é uma semiótica. Roland Barthes (1, p.95-99), reinterpretando o signo proposto por Hjelmslev, nos esclarece a complexidade dos sistemas de significação. Qualquer sistema de significação comporta um plano da expressão (E) e um plano do conteúdo (C) e a significação coincide com a relação (R) entre os dois planos (ERC). A partir desse sistema simples, constroem-se sistemas complexos de linguagem. Se esse sistema simples (ERC) torna-se plano de expressão ou significante do segundo sistema (ERC), RC, temos semiótica conotativa. Se, pelo contrário, (ERC) torna-se não o PE, mas o PC ou significado do segundo sistema, ER (ERC), temos metalinguagem ou metasemiótica. A metalinguagem é uma linguagem cujo plano do conteúdo é já uma linguagem, uma semiótica, como afirma Hjelmslev, que trata de uma semiótica.

Para Hjelmslev, o signo é então uma unidade de configuração e a língua um sistema de figuras, não-signos, que, ao se combinarem, produzem signos. O significado se impõe não como uma unidade fechada, pré-construída, estática e a língua, não como um sistema de signos, como podemos supor a partir da leitura do *Cours* escrito pelos discípulos de Saussure. É a partir de figuras e não de signos que podemos, segundo Hjelmslev, dar conta da estrutura interna da linguagem (5, p.52):

“As línguas não poderiam ser descritas como simples sistemas de signos. A finalidade que lhe atribuímos por suposição faz delas, antes de mais nada, sistemas de signos; mas, conforme sua estrutura interna, elas são sobretudo algo de diferente: sistemas de figuras que podem servir para formar signos. A definição de linguagem como sistema de signos não resiste, portanto, a uma observação mais profunda. Esta definição só presta contas das funções externas da linguagem, das relações da língua com seus fatores extralingüísticos, e não de suas funções internas”.

Tal proposta de descrição da linguagem pressupõe que os signos – que são em número ilimitado – também sejam passíveis, no que diz respeito a seu conteúdo, de serem formalizados a partir de um número limitado de figuras. O número restrito de figuras, conforme essa perspectiva, é um traço essencial e fundamental da estrutura da linguagem. É a mesma descrição que se aplica ao plano da expressão: quanto mais

reduzido for o número de figuras do conteúdo, mais é possível satisfazer à exigência da descrição mais simples possível.

A significação, para o lingüista dinamarquês, coincide com a relação das figuras do plano da expressão e do plano do conteúdo. Uma teoria mais completa da linguagem teria de dar conta dessa relação, preocupando-se com a linguagem denotada, com a conotada – não só própria da linguagem poética, mas também do discurso do cotidiano –, e com a metalinguagem, já que essa complexidade é própria da natureza da linguagem, conferindo-lhe uma estrutura *sui-generis*. Para Hjelmslev (5, 126-127), a metalinguagem se arvora também como um problema lingüístico de que se deve ocupar todo aquele que se propõe a construir uma teoria de linguagem:

“A fim de explicitar não apenas os fundamentos da linguagem mas também suas conseqüências últimas, a teoria da linguagem vê-se obrigada a acrescentar ao estudo das semióticas denotativas um estudo das semióticas conotativas e das metasemiologias. Esta obrigação cabe à lingüística porque ela só pode ser resolvida de modo satisfatório a partir das premissas específicas à lingüística”.

Focalizando a relação que, na concepção hjelmsleviana, origina a metalinguagem, procuraremos fundamentar a importância do reconhecimento e da descrição da metalinguagem natural para a teoria da linguagem.

A metalinguagem natural ou competência metalingüística é parte integrante de nossas atividades lingüísticas habituais, seja na aquisição da língua materna, ou de qualquer língua, seja para o funcionamento normal do discurso. O não desenvolvimento ou perda da capacidade de denominar/definir, isto é, de condensar e expandir é característico do discurso afásico, como salienta Jakobson no seu artigo “*Il meta-linguaggio come problema linguistico*” (6, p.97-98):

“*Le operazioni metalinguistiche sono lacunose negli afasici affetti da un disturbo della similarità, denominato ‘menomazione sensoriale’: malgrado ogni istruzione, questi malati non hanno la capacità di rispondere alla parola stimolo dell’esaminatore con una parola o un’espressione equivalenti e non sono in grado di costruire proposizioni equazionali. Essi hanno perduto qualsiasi attitudine alla traduzione – infra o interlinguistica che sia’*”.

É também a propriedade metalingüística natural que faz de um discurso um novo discurso: todo discurso e todo o discurso é um novo interpretante. A partir de um sistema de significação já dado, (ERC), em outras palavras, de um saber programado, denominado por Edward Lopes (8) “interpretante do código”, o falante constrói o saber do discurso, ou seja, ainda na terminologia de Lopes, “o interpretante do contexto.” Assim, se essa capacidade de transcodificação não fosse desenvolvida, estaríamos fadados a falar como o “dicionário”, e o discurso se constituiria num estereótipo. Se entendemos sentido como transformação, como propõe Greimas (4, p.15), ele se funda no funcionamento metalingüístico das línguas naturais pelo qual são responsáveis dois mecanismos fundamentais, a condensação e a expansão. O falante, utilizando-se desses mecanismos, não repete “um saber”, mas cria “o saber”. A língua natural não se coloca então como repetição, mas trabalho. Juntamente com a ati-

vidade lingüística o falante tem de desenvolver uma atividade metalingüística que lhe permite reinterpretar “um saber coletivo” e construir “o saber individual”. O sentido pode então ser entendido não como fixo, mas metamorfoseado pelo falante. A criatividade discursiva se manifesta também quando o falante ultrapassa os limites do “codificado” e manipula esse material lingüístico investindo-o de significação própria. O falante não é assim aquele que apenas se apropria de um sistema de relações já dadas, mas também as constrói. O reconhecimento desse funcionamento discursivo que demonstra a “presença do homem na língua”, como tão bem se expressou Benveniste (2, p.247-318), tem sido historicamente importante para colocar em xeque visões limitadoras do processo da significação. O discurso, que era entendido tradicionalmente como uma combinatória linear e uniplana de signos, passa a ser o espaço da construção da significação.

Isso posto, cremos poder afirmar que a metalinguagem natural é responsável por todo ato de linguagem – quer do ponto de vista de sua aquisição como de sua produção/recepção – e que ela deveria ter, na teoria da linguagem, um papel tão importante quanto o da língua-objeto. A propriedade de tradução se impõe ao falante como a própria condição de fala: é o seu duplo, o seu avesso. Sendo constitutiva de qualquer língua natural, não deveria ser considerada, como se costuma fazer tradicionalmente, secundária em relação à língua-objeto, mas um comportamento verbal previsto pela própria natureza complexa da linguagem, como afirma Greimas (4, p.12,13) nesta passagem:

“Num universo ‘branco’ em que a linguagem fosse pura denotação das coisas e dos gestos, não seria possível interrogar-se sobre o sentido: toda interrogação é metalingüística”.

NASCIMENTO, E. M. F. S. – Natural metalanguage and language theory. *Alfa*, São Paulo, 34: 115-120, 1990.

ABSTRACT: The natural metalanguage is the sui generis property of any language, as well as the object – language, it is responsible for every language act. In accordance to this statement, we tried to establish the importance of its description for the language theory.

KEY-WORDS: Language theory; object-language; metalanguage; natural metalanguage.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BARTHES, R. – *Elementos de Semiologia*. São Paulo, Cultrix, 1964.
2. BENVENISTE, E. – *Problemas de Lingüística Geral*. São Paulo, Nacional – USP, 1976.
3. GREIMAS, A. J. – *Semântica Estrutural*. Pesquisa de método. São Paulo, Cultrix – USP, 1976.

Alfa, São Paulo, 34: 115-120, 1990.

4. ————— – *Sobre o sentido*. Ensaios semióticos. Petrópolis, Vozes, 1975.
5. HJELMSLEV, L. – *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo, Perspectiva, 1975.
6. JAKOBSON, R. – “Il metalinguaggio come problema linguistico”. Em seu *Lo sviluppo della semiotica*. Roma, Studi Bompiani, 1978. p.85-98.
7. ————— – “Lingüística e poética”. Em seu *lingüística e comunicação*. São Paulo, Cultrix – USP, 1969. p.118-162.
8. LOPES, E. – *Discurso, texto e significação*. Uma teoria do interpretante. São Paulo, Cultrix – Secretaria da Cultura, 1978.
9. PEIRCE, C. S. – *Semiótica*. São Paulo, Perspectiva, 1977.
10. REY-DEBOVE, J. – *Le métalanguage*. Étude linguistique du discours sur le langage. Paris, Le Robert, 1978.